



Priscila Artte Rosa Nascimento¹

Esse texto discorrerá a respeito dos processos formativos que se forjam por meio da convivência, dos vínculos e dos afetos construídos nos encontros de formação continuada que temos mediado na Rede Pública Municipal de Educação de Niterói. Tendo como centralidade o aspecto humano da formação docente, consideramos que essa experiência se constitui enquanto um inédito-viável² e algumas das reflexões suscitadas por esse movimento, serão aqui apresentadas.

Na Rede Pública Municipal de Niterói, os professores e as professoras possuem em sua carga horária de trabalho, um tempo destinado ao planejamento coletivo, às quartas-feiras. Nesses encontros é possível realizar ações voltadas para a reflexão e para encaminhamentos a respeito das ações do cotidiano e, em alguns deles, a Equipe de Articulação Pedagógica³ da unidade de educação convida um profissional externo para mediar a reunião a partir de algum tema relevante para o grupo.

Nossa atuação como professora e pedagoga na equipe da Diretoria de Articulação Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Niterói, nos leva a receber convites para participar das reuniões de planejamento coletivo. Nelas, temos tido a oportunidade de propor

¹ Professora e Pedagoga da Rede Pública Municipal de Niterói. Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

² O conceito inédito-viável é encontrado em diversas obras de Paulo Freire. Neste trabalho, nos referenciamos nos seus livros “Ação Cultural pela Liberdade e outros Escritos” (1975), “Pedagogia do Oprimido” (1978) e “Pedagogia da Esperança” (1992), compreendendo o inédito-viável como a superação de situações vividas na concretude da realidade, a partir da sua leitura crítica, do engajamento coletivo e da criação de algo novo, possível para as condições atuais e locais.

³ A Portaria 087 publicada em 12/02/2011 e alterada pela Portaria FME/014/2014, publicada em 09/01/2014 instituiu que na rede pública municipal de Niterói a Equipe de Articulação Pedagógica é constituída pelo Diretor, Diretor-Adjunto, Pedagogo, Orientador Educacional e/ou Supervisor Educacional, Secretário Escolar e Professor Coordenador de turno, conforme a modulação do quadro profissional da Unidade. Cabe à Equipe de Articulação Pedagógica (EAP) a organização e a gestão da Unidade de Educação, buscando favorecer a realização do trabalho pedagógico, articulando o coletivo escolar em torno da definição de objetivos sociopolíticos e educativos e orientando o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.



um movimento coletivo de reflexão sobre a prática, discutindo a respeito dos diferentes aspectos da vida e da formação e potencializando a dimensão democrática da educação pública⁴.

Por acreditarmos na indissociabilidade entre formação docente e formação humana, defendemos que um percurso formativo é constituído pelas experiências significadas e (re)significadas num processo multidimensional e permanente dada a nossa condição de seres inacabados (Freire, 2019). Desta maneira, temos insistido na afirmação de uma “humana docência” (Arroyo, 2019), propondo conversas que nos ajudem a compreender a formação que ocorre no cotidiano da escola, a partir das interações dos diferentes sujeitos que o praticam (Certau, 2004).

A docência é uma profissão que se caracteriza pelas interações humanas: “ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos e para seres humanos”. (Tardif e Lassard, 2014, p.37). Esse fato ressoa sobre a constituição das identidades profissionais, dos saberes e da organização trabalho docente. Assim, podemos dizer que encontramos nas interações entre os sujeitos do cotidiano escolar um dos princípios para o exercício profissional dos professores, pois é a partir delas que as relações são constituídas e ao mesmo tempo são estruturados o desenvolvimento e as aprendizagens.

Em hooks (2020), encontramos a defesa do resgate da convivência comunitária nos espaços educacionais. A autora define essa convivência como uma comunidade de aprendizagem que realiza um esforço colaborativo para desafiar e acolher uns aos outros, sendo indispensável, nesse processo, a reflexão a respeito das diferenças e dos espaços peculiares que habitamos: “A colaboração é a prática mais efetiva para permitir que todas as pessoas dialoguem juntas, para criar uma nova linguagem de parceria comunitária e mútua.” (hooks, 2020, p.57).

Entretanto, Bauman (2003), ao analisar historicamente a origem, o desenvolvimento e o enfraquecimento das experiências coletivas das comunidades, a partir da expansão do capitalismo industrial, afirma que os processos de individualização se intensificaram como consequência do desmoronamento da intricada teia de relações sociais, acarretando a desintegração dos laços humanos.

⁴ Os encontros formativos que temos mediado possuem como temáticas as dimensões da Educação Democrática no currículo, planejamento e avaliação, proporcionando aos profissionais das escolas discussões a respeito da Educação Popular, dos Direitos Humanos, dos Princípios da não-violência, da Educação Antirracista, da Educação Antissexista e da Alfabetização como processo discursivo.



Ao relacionarmos essa conjuntura à educação, identificamos tempos de solidão para a profissão, o esvaziamento de sentido do trabalho dos professores e das professoras e a deslegitimação da escola enquanto *espaçotempo* formativo. É importante atentarmos que despontecialização da escola, sobretudo da escola pública, em nosso país, tem sido produzida pela circulação de um discurso hegemônico muitas das vezes referendado por índices nacionais e internacionais, frutos de processos avaliativos externos descontextualizados, sem a participação dos professores e das professoras na análise dos resultados e/ou na elaboração de proposições relativas ao enfrentamento dos desafios postos.

Tem-se alargado o interesse público pela coisa educativa. Mas, paradoxalmente, também aqui se tem notado a falta dos professores. Fala-se muito das escolas e dos professores. Falam os jornalistas, os colunistas, os universitários, os especialistas. Não falam os professores. Há uma ausência dos professores, uma espécie de silêncio de uma profissão que perdeu visibilidade no espaço público. (Nóvoa, 2009, p.23).

Neste sentido, é buscando uma alternativa ao que está sendo colocado, que nos encontros formativos que mediamos, enunciamos um paradigma comunitário de formação permeado pelo acolhimento, cuidado, horizontalidade e dialogicidade. As experiências narradas a respeito das miudezas (Ribeiro, 2022) tornam visível o que antes era invisibilizado e valorizando as vidas e trajetórias profissionais de maneira que os professores e as professoras se engajem como pessoas no seu próprio processo de formação (hooks, 2021).

Acreditamos que as práticas pedagógicas se dão a partir da imbricação entre aspectos pessoais e profissionais. Por isso, se queremos transformar a prática, é urgente recuperarmos os processos de subjetivação nos processos formativos, em detrimento aos reducionismos conteudistas e metodológicos, possibilitando “retomarmos nossa consciência coletiva do espírito de comunidade que está sempre presente quando estamos ensinando e aprendendo de verdade”. (hooks, 2020, p.29).

Por fim, afirmamos a necessidade de desafiar e mudar o modo como pensamos formação docente a partir do reconhecimento do outro como legítimo outro (Maturana, 2009) e é a partir da compreensão de que nos movemos como educadores, porque primeiro nos movemos como gente, (Freire, 2019, p.92), que assumimos também o compromisso com a luta contra a barbárie e contra todas as práticas de desumanização presentes no mundo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Vidas Ameaçadas**: Exigências-respostas éticas da Educação e da Docência. Petrópolis: Vozes, 2019.



CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

hooks, bell. **Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática**. Trad. Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

NITERÓI. Fundação Municipal de Educação de Niterói. Portaria 087/2011. Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Niterói. Niterói: FME, 2011. Publicada em A Tribuna, em 12/02/2011b.

NÓVOA, Antonio. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

RIBEIRO, Bruna. **Pedagogia das Miudezas: Saberes necessários a uma pedagogia que escuta**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2022.

TARDIF, Maurice.; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Editora Vozes, 9. Ed., 2014.